

J. A. CUNHA

—
VOZ
DA
RAZÃO

Sala

Gab.

Est.

Tab.

N.º

O.S.

291

Sala

Gab.

Est.

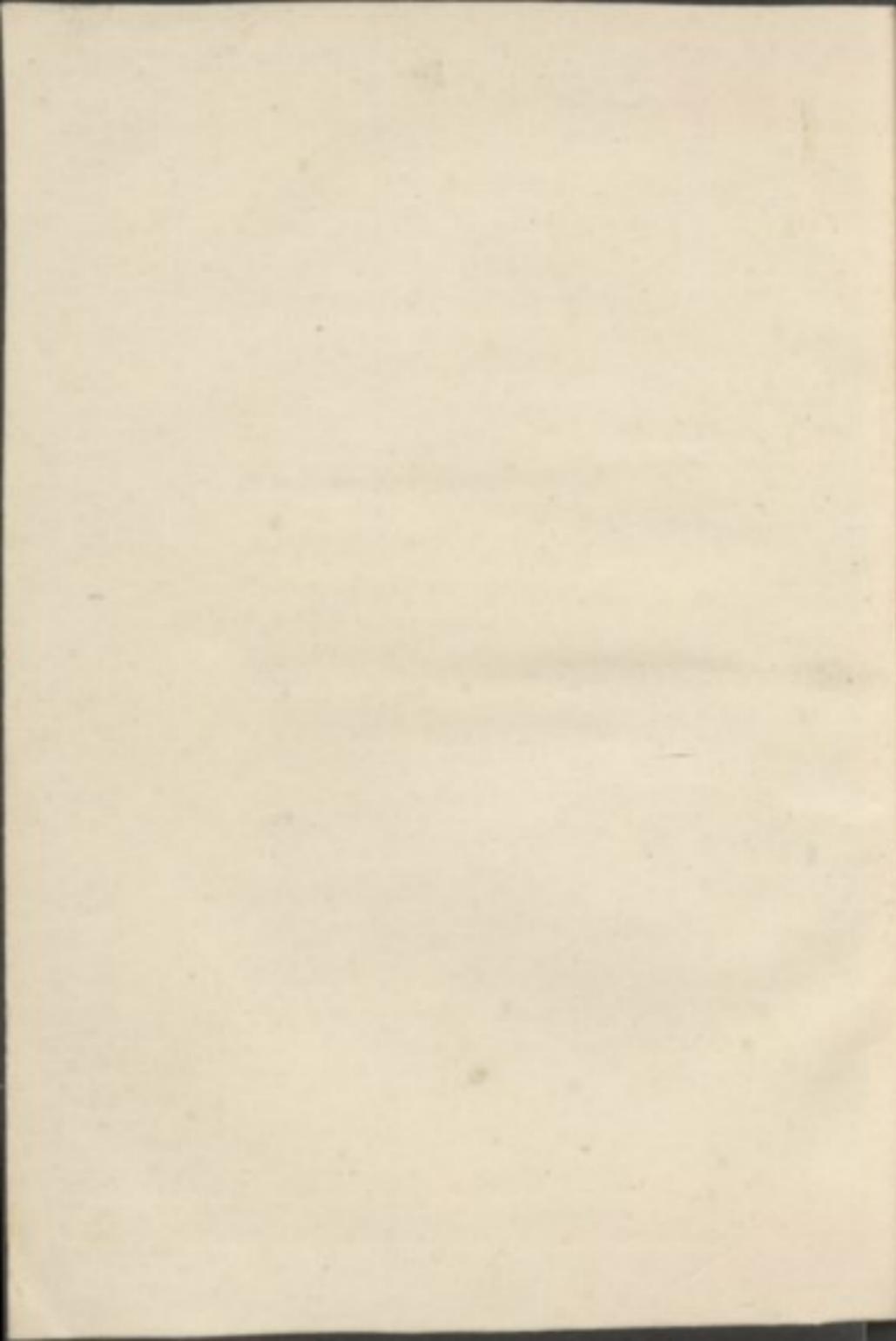
Tab.

N.º

Q.S.

291

291



REFUTAÇÃO
DA
VOZ DA RAZÃO

DO DOUTOR
JOSÉ ANASTASIO DA CUNHA,
Lente de Mathematicas da Universidade
de Coimbra :

OU
VERDADEIRA VOZ DA RAZÃO,

FOR
FRANCISCO DE ARANTES,
Lente de Theologia da mesma Universidade,



COIMBRA,
NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE,
1824.

Com Licença da Real Comissão de Censura.

Quoi! ils auront le droit de répandre
le poison, et nous n'aurons pas celui de
répandre l'antidote?

INSTR. PAST. par l'ÉVÊQ. DE TROYES,
pag. 44^e lin. 3.

PROLOGO.

Não se póde, sem manifesta injustiça, negar o merecimento literario do Doutor *José Anastasio da Cunha*: Portugal, a Europa, e todo o mundo lhe tem feito justiça, collocando-o distinctamente entre os Sabios Mathematicos Portuguezes; e entre os homens de profundo saber, raro ingenho e talentos singulares: e ao mesmo tempo tem lamentado, e ainda hoje lamenta, de que nem sempre usasse delles bem e rectamente: seus escritos fallão de sobejo. Se n'uns, como Filosofo, segue com passo se-

guro a marcha dos astros; conhece e combina as Leis da Natureza; e penetra seus segredos: n'outros, como Filosofo impio, emprega todo o seu saber, todo o seu ingenho e talentos para destruir as verdades mais essenciaes da Religião, dar lições de incredulidade levada até o delirio, e de irrelição requintada em fanatismo; e sustentar, ou para melhor dizer, levantar o mais bem acabado edificio da impiedade, qual he a sua *Voz da Razão*, que emprehendo refutar.

Querendo, como Portuguez, confirmar o alto conceito, que todo o mundo faz deste Auctor Portuguez; e sendo o meu fim principal nesta Refutação defender a Religião contra os ataques da incredulidade; suspender os progressos da irrelição;

despedaçar e lançar por terra o edificio da impiedade: transcrevi fielmente para ella aquelles versos e quadras inteiras, que não tinham algum erro e veneno; e mudei em todo, ou em parte aquellas, que o tinham, conservando os mesmos consoantes: ficando deste modo muito facilitado o trabalho d'aquelles, que tendo já infelizmente entregado á memoria a *Voz da Razão*, quizerem fazer o mesmo a esta sua Refutação; e sendo esta obra a mesma *Voz da Razão* do Doutor José Anastasio da Cunha expurgada dos seus erros e impiedades; e por tanto, se algum louvor merecer esta obra, a elle principalmente deve ser tributado.

Portuguezes, acceitai esta offerta; não a julgueis pelo volume; mas sim pelo peso das importantes verdades,

que encerra: ella he um antidoto
poderoso e efficaç contra o veneno
da impiedade: aqui achará o homem
religioso a espada da verdade, para
debellar o erro; e o impio, que o
quizer dissimular, ou perpetual-o,
vendo-o em todo o horror, só ga-
nhará o remorso, e definhará á força
do furor e da desesperação; acceitai-a,
e lede-a com aquella attenção, que
merece, para bem da Igreja, triunfo
da Religião e gloria de DEOS.

EPISTOLA PRIMEIRA.

SE tu na pomposa *Iysia*
Te lembras meu tosco abrigo;
Eu tambem no meu retiro
Não me esqueço d'um Amigo.

Ouve, *Anelio*, a minha *lyra*,
Despida de falsidades,
Cantar da recta razão
Jámais *estranhas verdades*.

Não temas da impiedade
A caçada cantilena (1),
Que se ella te condemnar,
A razão não te condemna.

(1) Os impios modernos não tem feito mais, que renovar os erros e absurdos dos impios antigos, já por muitas vezes e victoriosamente refutados; e por isso usei destes termos, que sendo classicos, são muito applicaveis ao objecto, de que se tracta.

*Este dom, por um DEOS dado,
Ao homem neste desterro,
Porque he dom, que DEOS lhe deo,
Não pôde abonar o erro.*

*Se a razão, por um DEOS dada,
Enganasse o triste humano,
Era o mesmo DEOS auctor,
E não o homem, do engano.*

*Logo pois, quanto nos dicta
Despida de prejuizos,
Verdades são innegaveis,
São evidentes juizos.*

*Ouve pois, Anelio amigo,
O que dicta esta razão;
Como sustenta as verdades
Da Santa Religião.*

*Póde no ser limitado
Caber uma acção immensa,
Se por objecto tiver
A mesma infinita Essenc'ã,*

A mesma acção póde ter
Maior, ou menor graveza,
Confórme do seu objecto
For differente a grandeza (2)

Como pois não póde ser
Do homem infinita a offensa,
Se por objecto ella tem
Uma Natureza immensa?

*O gozo, que um DEOS desfructa,
Não póde ser perturbado;
Mas por ser justo não póde
Deixar sem pena o peccado (3).*

(2) He innegavel, que a imputação de qual-
quer acção não só se mede pela opposição, que
tem com a Lei, como tambem e principalmente,
pelas circumstancias, que a acompanhão, entre as
quaes tem o primeiro lugar o objecto, que ella af-
fecta.

(3) Ainda que os crimes dos homens não possam
diminuir, nem deslustrar a gloria interna de DEOS;
com tudo a sua justiça e santidade pedem e exigem,
que não fiquem sem castigo.

Porque offende as leis humanas,
Evita-o a sociedade,
Mas elle sempre merece
Castigos d'eternidade.

Porque o mal, que gera a culpa,
A' lei tambem prejudica,
Por isso só c'o delicto
Punida a culpa não fica.

Um DEOS justo não podia
Para os crimes expiar-nos,
Co'a intensidade da pena
Tão sómente castigar-nos (4):

(4) DEOS podia, se quizesse, perdoar ao primeiro homem, e a toda a sua descendencia, sem exigir da parte do mesmo homem alguma satisfação, nem grande, isto he, condigna e equivalente á offensa, nem pequena, isto he, outra qualquer: porém querendo, como quiz, para satisfazer a sua Justiça e mais Divinos attributos, uma condigna satisfação da parte do homem, este homem não podia dar esta satisfação condigna com a intensidade da pena; porque medindo-se a offensa tambem

*Pois o homem n'um momento
Commette infinita offensa ,
Porque n'um momento offende
Uma Natureza immensa :*

*Mas n'um momento não pôde
Expiar culpa infinita ,
Porque foi por DEOS dotado
De natureza finiza.*

*De DEOS a gloria não pôde
O mortal jámais manchar :
Não foi por isso imprudente ,
Infeliz em nos crear.*

pelo objecto offendido , e sendo o objecto offendido DEOS , que he infinito , a offensa do homem era infinita ; e medindo-se a satisfação pelo sujeito , que a dá , e sendo o sujeito , que a dava , o homem , que he finito , a satisfação , que elle dêsse , era tambem finita , e por consequencia não equivalente á offensa : logo o homem não podia satisfazer á Justiça Divina , nem expiar os seus crimes com a intensidade da pena.

Nem os dias , em que cego
Perpetrar mais attentados ,
Para o mesmo auctor dos dias
Serão dias desgraçados.

Da fortuna às inconstancias
Assim não fica sujeito ;
Nem escravo da fortuna
Quem a fortuna tem feito.

Dos infelizes mortaes
A constante alternativa
Mudar jámais poderá
Sua Essencia primitiva.

Nem tambem d'aquellas mãos,
Que o incenso sobre os Altares
Lhe queimão tão reverentes ,
Terá os bens e os pezares.

Grande DEOS, que tão benigno
A criação comprehendeste ,
E o homem de tantos dons
Generoso enriqueceste !

Adoremos o DEOS grande,
Que do nada nos tirou,
É a sua perfeita imagem
O fragil barro formou.

Que premios deo á virtude,
Tranquillidade e doçura,
E pelo contrario o vicio
Encheo de tanta amargura (5).

Mais attractivos não tem
A tocante formosura,
Do que encantos e bellezas
A virtude santa e pura.

(5) Se o crime concede algum bem, além de não poder ser senão apparente, e a sua posse muito momentanea e ligeira; as suas consequencias são todas funestas, desgraçadas e duradouras: os mesmos ímpios, melhor que ninguem, o tem conhecido e experimentado: e pelo contrario, a virtude concede boas reaes e solidos.

Por vezes illuminado
Tem Elle seu *grande plano*,
Sem outro fim mais do que
Tirar a masc'ra ao engano (6).

Essas flores, que matizão
O caminho *da virtude*,
Não servem p'ra nos tirar
Do *trilho do vicio rude*?

Considera, Anelio amigo,
Cheio de prazer e gosto,
Quanto feliz foi o estado,
Em qu'o *bom DEOS* nos há posto :

Estado de santidade,
Innocencia e rectidão;
Formou o primeiro ser
Sujeito á lei da razão.

(6) Como a razão e os mais dotes naturaes do homem ficarão feridos pelo peccado do primeiro homem, DEOS, compadecendo-se do mesmo homem, tem por varias vezes, e por muitos modos

Em tal estado o formou,
Que ditoso ser podia;
É porque sêl-o não quiz,
Nada jámais merccia.

Mas, qual Pastor amoroso,
Deo-lhe bemfazeja mão;
Appresentou-lhe uma Santa
Divinal Revelação:

Revestio-a de signaes
Tão claros, tão evidentes,
Que persuadir podessem
Os vindouros o presentes (7).

ajudado a sua fraqueza, manifestando-lhe a sua vontade por meio da Revelação, a fim de não ser seduzido.

(7) Além dos milagres e profecias, que tão clara, evidente e victoriosamente provão a Revelação, que existe entre nós; a sublimidade, excellencia e santidade da sua Doutrina tambem a comprovão; e não pôde haver homem algum, que, olhando para estas provas com uma razão recta e despida de prejuizos, deixe de convencer-se da sua evidencia, e de abraçar a Revelação, que ellas mostrão.

Tal o nosso DEOS formando
A virtude tão formosa ;
Tal he , Anelio , de um DEOS
A mão benigna e piedosa.

E se o homem piza aos pés
A lei Santa , que lhe há dado ,
Acaso fez algum mal
Em do nada o ter tirado ?

Acaso este DEOS devia
Grilhoar a liberdade ,
E deste modo privar-nos
Da mais bella qualidade (8) ?

(8) Entre os dotes e prerogativas, com que DEOS mimoseou o homem, nenhuma há tão rica, tão preciosa, tão excellente, e que tanto distinga o homem dos brutos, como a liberdade: sem liberdade não haveria escolha, sem escolha não haveria merecimento, sem merecimento não haveria direito a premios, e sem direito a premios não poderia o homem gozar de bens eternos, infinitos e perfectos; e que mais há, que distinga tanto o homem dos brutos.

Acaso se mostraria
P'ra o homem mais piedoso,
Se o não fizesse sujeito
Ao peccado desastroso?

Acaso se poderá
Criminar com *estranheza*,
Que não revestisse o homem
De invencível fortaleza (9)?

Mais que bastante não era
A' virtude dar encantos,
E p'ra do vicio fugirmos,
Acompanhal-o de prantos (10)?

brutos destinados para uma vida inteiramente terrena, e desacompanhada de esperanças eternas? Tal he a grande vantagem da liberdade, que DEOS concede ao homem! E esta vantagem foi-lhe dada, porque se DEOS creou o homem sem o homem, não quer salvar o homem sem o mesmo homem.

(9) Se o homem fosse invencível á seducção e ao crime, deixaria de ser livre, e ficaria deste modo privado das grandes e excellentes vantagens da liberdade.

(10) Veja-se a nota (5).

Impiedade inconsequente,
 Que me respondes agora?
 Quanto mais combino idéas,
 Mais teu systema peóra,

Tu só tens subtilizado
 Mil coisas extravagantes,
 Que um só golpe d'attenção
 As conhece vacillantes,

Porque assim não te decidés,
 Avaliando as razões,
 Por isso és tão insensata
 Nas tuas combinações.

A Providencia previo
 Dos homens o precipicio,
 E foi por isso que encheo
 De horrores o torpe vicio,

E mesmo que as forças noisas
 Fossem ás do vicio iguaes,
 Com tudo, sendo entes livres,
 Peccarião os mortaes.

Um DEOS acaso devemos
Com bôca impia criminar,
Porque dos seus mesmos dons
Concedeo-nos abusar?

Acaso melhor nos era
Vivermos sem liberdade,
Sem possuirmos direitos
A premios de eternidade?

Acaso um Ente pensante
Ser devia limitado,
A bens vãos e passageiros
E aos brutos equiparado (11)?

Foi-nos dada a liberdade
P'ra podermos merecer,
E com ella o necessario
P'ra bom uso se fazer;

(11) Veja-se a nota (8).

E se acaso o mortal fraco
A seu alvedrio entregue,
Arbitro de suas acções
O nefando vicio segue ;

DEOS culpa nenhuma tem ;
Pois se quizesse podia ,
Do torpe e nefando vicio
Escapar-se á tyrannia (12) ;

Pois foi presente escolhido ,
Por um DEOS a elle dado ,
Para fazel-o feliz ,
E nunca desventurado (13) .

Ornado de mil encantos
Fez-nos tão rico presente ,
Seu uso recto dictando
Logo ao primeiro vivente (14) .

(12) DEOS não falta ao homem com os auxilios
necessarios para obrar o bem, se quizer.

(13) Falla-se da liberdade; e veja-se a nota (8).

(14) Apenas DEOS criou o primeiro homem,

Com as luzes necessarias
Exornou-lhe o entendimento,
Ensinando o modo como
Deve *dar-lhe movimento.*

Repugna , que um Ente livre
Motivo tenha tão forte,
Que por força o determine
A obrar desta, ou d'ontra sorte.

Logo aproveita , o ser livre ,
Ao fraco e fragil mortal,
Para poder conseguir
Uma coroa immortal.

O' divinal *faculdade,*
Bemfeitora dos humanos,
E's mãe de qualquer virtude,
Fonte de premios sob'ranos.

deu-lhe um preceito, para que o mesmo homem
melhor conhecesse a subordinação, que devia ter
ao Creador : e revestio este preceito com grande
sancção, para que o homem melhor o guardasse, e
fugisse da sua transgressão.

Brilhantes apologias
De genios mil tens aos centos;
Nem do conceito, que fazem,
São outros meus sentimentos.

Antevio de certo um DEOS,
Que de ti abusarião
 Os homens, por serem livres,
 E que o mal seguir havião (15):

Amando porém o homem,
Sendo em poder infinito,
 Com a graça o revestio,
 Para fugir ao delicto.

(15) He verdade que DEOS previo o peccado do primeiro homem; porém creando-o em estado de justiça, innocencia e rectidão, e dando-lhe todos os auxilios necessários, com os quaes podia, se quizesse, perseverar naquelle estado; não quiz a sua desgraça, nem foi causa della; nem jámais se poderá dizer, que creou o homem para fazel-o desgraçado. Quem applica os meios, quer o fim: logo se DEOS applicou os meios para que o homem perseverasse no estado, em que tinha sido creado, quiz que elle perseverasse; logo quiz a sua felicidade, e não a sua desgraça.

*Se mais que todos os entes ,
Um DEOS nos creou perfectos (16),
Não podia a raça humana
Sair cheia de defeitos :*

*Houve logo estranha causa ,
Que a sua obra manchou :
Deste modo o Gentilismo
O primeiro crime achou (17).*

*Quantas verdades inúteis
Buscamos com vehemencia ,
Abandonando ao desprezo
As de maior consequencia !*

(16) Quando se diz , que o homem he o mais perfeito de todos os entes , he com relação somente aos entes terrestres.

(17) Platão, Socrates, e alguns outros Filósofos da antiguidade , conhecendo , que o Creator do Universo devia ser dotado de uma bondade summa e infinita; e vendo o homem , obra deste Creator , tão cheio de miserias , concluirão , que tinha havido algum transtorno no homem , depois de ter saído das mãos do Creator , e que o mesmo homem , e não o Creator , he que tinha sido a causa.

Ouve pois, Anelio caro,
Verdades muito importantes,
E repete-as muitas vezes
Em vozes altissonantes:

*Um mal foi d'um bem origem (18);
He espirito o que pensa;
Sempre a virtude terá
N'outra vida recompensa (19):*

*Um só culto a DEOS agrada;
A nossa alma he immortal;
He justo que abranja ao filho
Do pai a culpa fatal (20):*

(18) Se o primeiro homem não peccasse, não teriamos um Redemptor.

(19) Basta o homem considerar attentamente sobre a idéa de um DEOS justo, remunerador da virtude e castigador do crime; basta reflectir seriamente de que nem sempre a virtude he remunerada nesta vida, nem sempre o crime castigado; para concluir seguramente, que deve haver uma outra vida, além desta, onde só a virtude será para sempre remunerada, e só o crime castigado para sempre.

(20) Falla-se do peccado do primeiro homem;

*Um todo de partes frageis ,
E sujeitas ás paixões,
He infallivel e justo
Sempre em suas decisões (21);*

*Todas estas e mil outras,
Ao bem nosso essenciaes,
São por um DEOS providento
Assás claras p'ra os mortaes.*

*E se nascemos despídos
De verdades int'ressantes,
Temos quem nol-as ensine
Desde os primeiros instantes.*

e era justo, que passasse para a sua descendencia, assim como havia de passar a sua felicidade, se elle perseverasse, por assim ter DEOS determinado.

(21) Falla-se da Igreja, que he infallivel, ainda que cada um dos seus membros seja fallivel, e sujeito ás paixões.

Se para amar a virtude
Somos fracos, inconstantes,
Com o soccorro de um DEOS
Somos fortes e constantes (22).

Não foi de um DEOS de bondade,
De virtude preciosa,
Que saio a creatura
Desgraçada e criminosa.

Pòde um DEOS ómnipotente
Fazer do nada a materia,
E que enormes globos vóem
Por essa região etherea :

Pòde *mechanicas leis*
Prescrever a cada péça,
E que sendo rude o barro,
Fiel às leis obedeça :

(22) Tudo podemos com o auxilio de um DEOS, que nos conforta.

Do *espírito e da materia*
Pôde unir as qualidades ,
Fazer que mutuas se influão,
Sendo *opostas entidades :*

Mas um ente *intelligente*
Não lhe seria possível
Criar logo *desgraçado,*
Ou á *virtude insensível.*

E muito menos podia
Tirar-lhe a *livre eleição,*
E dar-lhe p'ra o *torpe vicio*
Invencível *propensão.*

Como, Anelio, um DEOS, que he bom
E tão immenso em poder,
Amendo o homem podia
Sua desgraça fazer ?

Foi por tanto o mesmo *homem*
Da *liberdade abusando,*
Quem *perdeo a santidade,*
Réo de *penas se tornando.*

Não póde, a *virtude* e o *vicio*
Ser quimericas *ficções*,
Nem da *Politica* invento
Para enfrear as paixões (23) :

Porque muito muito d'antes
Que houvesse sociedade ,
Já a *virtude* existia
No seio da *Divindade*.

Nem o *DEOS*, que eu reconheço
Por divina *auctoridade*,
Rindo ao som de nossos males,
Gemer deixa a humanidade.

Porque um só não há momento,
Em que este *DEOS* piedoso
A mão não estenda ao homem
P'ra fazel-o venturoso.

(23) A Lei Natural, que he tão eterna, como o mesmo *DEOS*, suppõe as idéas de *virtude* e de *vicio*, que devem ser tão reaes, como a mesma Lei Natural: logo não são quimericas *ficções*: e muito

Nem podia ser eterna
 Dos homens a geração,
 Como prova a sua mesma
 Tão volúvel condição (24).

E se tudo, Anelão, fosse
 Obra só da Natureza,
 Triunfara o Pyrrhonismo,
 Não haveria certeza (25).

menos inventos da Política; porque antes que houvesse Política, já existia a Lei Natural, e por consequencia as idéas reaes da virtude e do vicio.

(24) A eternidade anda tão necessariamente connexa com todos os outros attributos infinitos, que he absolutamente impossivel, que um ente seja eterno, e não seja ao mesmo tempo omnipotente, immenso, immutavel, etc.

(25) Se não houvesse uma causa primeira, que tivesse creado, e ainda hoje conserve todos os entes da Natureza, o homem a cada passo se acharia cercado de trevas; qualquer effeito da mesma Natureza seria para elle um mysterio impenetravel; o mais vil e desprezivel insecto zombaria da sua vaidosa sagacidade.

Conclue pois, *que essa substancia,*
Que he infinita em poder,
 Todos quantos bens podia,
 Não deixou de nos *fazer.*

Estas, Anelio querido,
 Verdades interessantes,
 A mesma recta razão
 Ministra aos entes pensantes.

Mas corre o tempo veloz,
 E já a noite luctuosa
 Seu negro manto estendendo,
 Faz a lyra priguicosa.

Já o languido Morfeu
 Seus braços c'os meus estreita,
 E com seu halito morno
 Os meus sentidos sujeita.

Fica pois, Anelio, em paz,
 Que os meus olhos já cansados
 Se dão ao languido somno,
 Dos trabalhos fatigados.

EPISTOLA SEGUNDA.

EM quanto nas cavas rochas
Chovem os niveos orvalhos,
E os zephyros contentes
Follêão estes carvalhos;

E a azul-ferrête andorinha
Traz do rio no biquinho
Humido viscoso barro,
Com que formaliza o ninho;

Agora, que Phebo solta
As rédeas auri-camadas
A seus soberbos Ethontes
Pelas ethereas moradas;

E dos olhos dos viventos
Vôão subtis dormideiras,
Deixando acordadas vidas,
Que suspendiãõ ligeiras;

Em quanto humidos pellicos
Vestem sinceros pastores,
E vão abrindo os apriscos
Aos rebanhos mugidores;

E dos espessos esgalhos
Do verde-negro cypreste
Pia o triste solitario,
Que da cor da noite veste;

Outra vez, meu caro Anelio,
Tomo a ingenua e pobre lyra,
E oscilando-lhe as cordas,
Canto o que a razão inspira.

D'esse astuto seductor
Os perjurios e traições
Não te canta a minha lyra,
Nem as terriveis paixões;

Embora da triste Dido
A miserrima desgraça
O fogoso enthustasmo
D'um Virgilio satisfaça,

Cante

*Cante as formosas Helenas,
Ajaces, Achilles fortes,
E de Troya bloqueada
Os fogos, o sangue, as mortes :*

*Que a minha pobre Camena,
Postoque rude, mas pura,
Só os entes combinando,
Colher verdades procura.*

*Ouve pois, meu caro Anelio,
Que já a razão me inflamma,
É para grandes verdades
Por novos caminhos chama.*

*Um DEOS, que he auctor de tudo,
Tudo perfeito creou,
E foi a mesma creatura,
Quem o peccado formou (26).*

(26) Quando se diz, que DEOS creou tudo perfeito, não se falla de uma perfeição absoluta; mas sim relativa ao fim, que se propoz na criação: de maneira, que DEOS não podia crear um mundo

*Foi o Lucifer soberbo,
Para com DEOS se igular,
Quem conseguiu a soberba
No seio da gloria entrar:*

*E como pôde a soberba
No seio da gloria entrar?
Porque a creatura pôde
O mal, ou bem abraçar (27).*

mais perfeito, do que este, tendo esse outro mundo o mesmo fim, que este; porque um Ente infinitamente sabio não pôde fazer uma obra, que não des-empenhe exactamente o seu fim.

(27) Se a creatura não fosse dotada da faculdade de abraçar o bem, ou o mal, conforme lhe aprouvesse; nem os Anjos máos, nem o primeiro homem seriam accessiveis á soberba, nem por consequencia perderião o estado venturoso, em que tí-phão sido creados.

Um DEOS sabio não podia
 O racional crear,
 Sem lhe dar ao mesmo tempo
 Poder p'ra deliberar (28).

Por isso permittio DEOS
 Grassasse a culpa no Ceo;
 Por isso cheio de gloria
 O Anjo attenção lhe deu.

(28) Tanto repugna, que um ente racional seja creado sem a faculdade de deliberar, e por consequencia sem liberdade; quanto repugna, que uma pedra, ou ainda mesmo um bruto sejam creados com tal faculdade. Póde sim um ente racional não desviar-se da lei, e deste modo não abusar da liberdade; porque este abuso he um defeito da liberdade, e não essencial á mesma; porque se o fosse, nem DEOS, nem os Bemaventurados terião liberdade, por isso mesmo que não podem della abusar; o que seria absurdo, porque DEOS não póde deixar de ter tudo que he bom, como he a liberdade, e os Bemaventurados não podem perder o que he essencial á natureza humana, como he a mesma liberdade.

Apezar dos *atractiços*, *Um DEOS*
 Que havia no *Summo Bem*,
 Os *Anjos*, por serem livres,
 A nutrir a culpa *vem*.

Por meio da *seducção*,
 Um *Ser maligno* podia
 Corromper a *melhor obra*,
 Que das mãos de *DEOS* saia.

Inda que a *força empregada*
 Nascesse do *seu poder*,
 Nem por isso *independente*
 De *DEOS* elle vinha a ser;

Porque esse mesmo *poder*
 Por *DEOS* lhe foi *concedido*;
 Não para *manchar o homem*,
 E fazel-o *corrompido*,

Mas p'ra que vendo o *mesm' homem*
 O *poder*, que *concedera*,
 Mais *attento* *conservasse*,
 As *gracas*, que *recobêra*.

Mas esta consolação
He que *assegurar-nos ha de*
De não sermos seduzidos
A' vista da Divindade (29).

Dos Anjos pôde a pureza
O torpe vicio abalar ;
Mas ha de então *fraco barro*
A seu halito escapar ;

Porque então a liberdade,
De que o homem abusou ,
Para amar só tenderá
O grande DEOS , que o formou (30).

Esse infame seductor ,
Do mal auctor cavilloso ,
A mão forte temerá
Do DEOS *Todo-poderoso.*

(29) O homem na outra vida não poderá peccar
jámais, nem perder o estado glorioso, que tiver
conseguido: porque já não he viador. Veja-se a
nota (28).

(30) Veja-se a nota (28).

Então seu fatal veneno
 Não jámais propinará,
 Nem á celeste morada
 Seu halito chegará.

Porém, meu querido Anelio,
 Já me convida a razão,
 Para fallarmos em outra
 Muito importante questão.

Em consequência da culpa
 Desse primeiro mortal,
 A geração dos viventes
 Foi logo sujeita ao mal.

Um DEOS porém compassivo,
 Podendo ter-nos deixado
 Gemer no seio da culpa,
 Sem nos curar do peccado. (31)

(31) Tendo DEOS creado o primeiro homem em estado de innocencia, santidade e rectidão, e com todas as graças necessarias para perseverar, se quizesse, no estado, em que tinha sido creado, e tendo o mesmo

Quiz nos *sec'los successivos*
A mão lançar carinhosa,
Dando efficazes remedios
Para a culpa monstruosa.

Como auctor da *Medicina*,
Conheceo a *enfermidade*,
E logo logo remedios
Mostrou-nos em quantidade.

P'ra isso nos confiou
Os segredos revelados,
Por Elle mesmo feito homem
Com mais clareza ensinados (32):

homem desprezado estes auxilios, peccando; DEOS podia, sem offender os seus Divinos Atributos, deixal-o no estado de peccado, em que elle mesmo culpavelmente se tinha abysmado.

(32) A mesma Revelação, que tinha sido feita ao primeiro homem e aos seus descendentes nos tempos posteriores, e por varios modos, foi mais explicada e ampliada por JESU CHRISTO.

E por isso que continhão
Mysterios interessantes,
Decretou, que *as Nações todas*
Lhes fossem *participantes* (33).

Como *Pai da raça humana,*
Resgatar veio os peccados,
Uns fazendo predilectos,
Ficando outros *reprovados* (34):

(33) Esta he a grande differença, que há entre a Religião Judaica e a Christãa, que aquella era só para os Judeos, e para tempo determinado; e esta para todos os Povos e Nações do mundo, e para todos os tempos: aquella particular, e esta universal.

(34) Pelo peccado do primeiro homem todo o genero humano ficou sujeito á condemnação eterna; e escolhendo DEOS a uns para serem salvos, e deixando os outros na massa da perdição; áquelles fez o que não merecião; e a estes deixou-os no estado, que merecião pelo seu peccado: usando para com aquelles de Misericordia, e para com estes de Justiça.

Sem que perguntar devamos ,
Como por todos morrendo ,
Um fica a gloria gozando ,
Outro em voraz fogo ardendo ,

Se da mesma Natureza
Effeitos mil ignoramos ,
P'ra que de DEOS os segredos
Atrevidos criminamos (35) ?

Póde acaso á creatura
Perguntar ao Creador ,
Porqu'a huns fez vasos d'ira ,
A outros porém d'amor ?

(35) Os impios que expliquem, como um corpo continúa a mover-se, ainda mesmo depois que cessou a causa, que lhe communicou o impulso? Como a alma e o corpo, sendo substancias tão oppostas, tem entre si um commercio tão intimo? Como a nossa alma cogita? Estes e outros muitos effeitos naturaes zombarão sempre da intelligencia humana.

Impiedade inconsequente, sup me?
 Que me respondes agora?
 Quanto mais combino idéas,
 Mais teu systema peôra,

Se não vem reproduzido,
 Por toda a parte o Messias,
 Para com grandes milagres,
 Convencer as heresias,

He por não serem precisos;
 Porque os na Judea obrados
 A todos patentes são,
 Por mui fieis attestados (36);

(36) Sem fallarmos dos Apostolos e Discípulos de JESU CHRISTO, que attestão estes milagres, como testemunhas oculares; os Judeos, os Pagãos, os primeiros Hereges, e o mesmo Celso, muito empenhados em negal-os, não se atrevêrão a fazel-o; ainda que falsamente os attribuissem á Magica. O mesmo Rousseau confessa ingenuamente, que a Historia Evangelica he a mais authentica e veridica d'entre todas, ainda mesmo considerando-se como uma historia meramente humana, e prescindindo-se da

Porque de certa linguagem
Já com os homens usára,
Que em todo o tempo será
Tocante, distincta e clara (37)

Mas o tempo vai correndo,
É bom he, que examinemos,
Como do primeiro Pai
Todos corruptos nascemos.

Porqu'entre a causa e o effeito,
Reinar deve proporção,
De uma causa tão corrupta
Foi corrupta a produção.

Porque o primeiro mortal
Réo era já de peccados,
Por isso os seus descendentes
Vem com a culpa manchados.

auctoridade divina, que tem, pela inspiração Di-
vina, com que foi escrita. Tal he a confissão, que
faz a mesma incredulidade, dos milagres de JESU
CHRISTO!

(37) Veja-se a nota (7).

Um DEOS de bondade summa
 Deo-lhe os dons todos *possiveis*,
 Para que d'elles usando,
 Os fizesse incorruptiveis (38).

D'elles porém abusando,
 Desgraçado se tornou,
 E para a sua desgraça
 A descendencia arrastou.

Tu, Serpente, o conseguiste,
 E o ser mutavel d'Adão
 De males cheio passou
 P'ra seus filhos desde então.

Péza sempre para o centro
A pedra por lei prescripta;
Por não ser obediencia
Nem premio, nem pena excita.

(38) Se o primeiro homem não peccasse, os seus descendentes gozarião do mesmo estado feliz e venturoso, que elle havia de gozar, se não peccasse, e em que tinha sido creado.

Póde acaso um ente cêgo
 Obediencia prestar,
 Não podendo por escolha
 Suas acções regular (39)?

Mas o homem, por ser livre,
 Que do clima as leis abraça,
 Quando falsas forem ellas,
 Sujeito fica á desgraça.

Ao Alcorão obedecem
 Os Turcos infelizmente;
 Porque da razão se apartão,
 Não tem uma fé ardente (40).

(39) Para haver obediencia, propriamente dita, he necessario que haja escolha; para haver escolha, he necessario que haja liberdade; e para haver liberdade, he necessario que haja razão; e porque desta estão privadas as pedras, não podem de maneira nenhuma ter obediencia, propriamente dita.

(40) Os motivos de credibilidade são da competencia da razão; e por isso faltando uma recta razão, faltão os motivos de credibilidade, e faltando estes, falta a fé: e he por isso que o Apostolo chama á nossa fé obsequio racionavel.

*Tem sim jejuns rigorosos,
E duras macerações,
Nas mesquitas mai respeito,
E calor nas devoções;*

*Pelo DEOS Grande, que adorão;
D'alguns prazeres se esquecem;
Por defender suas leis,
Aos tormentos se offerecem;*

*Mas o Codigo desprezão
Da Santa Revelação,
Onde só beber devião
A pura Religião.*

*Quanto pôde, Anelio caro,
Do fanatismo o furor!
Quantas victimas tem feito
Seu furioso rancor (41)!*

(41) O quadro, que nos apresenta a Historia, dos tormentos, a que se sujeitão os Turcos por causa do seu falso Profeta, he o mais horroroso, que pôde imaginar-se; e parece incrível, que o seu fanatismo

Embora julguem divino
 O livro, que rev'rencião;
 Milagres o não confirmão,
 Para que só nelle créão (42).

Queirão da razão usar
 Para analyzar-lhe a essencia,
 E não chamarão a absurdos
 Mystérios d'alta excellencia.

tenha chegado a tal ponto por causa de um Profeta, que tem todos os caracteres de falso e impostor.

(42) O Alcorão, onde se contém a Religião dos Turcos, e que he a regra de fé dos Sectarios de Mafoma, he um tecido de erros, absurdos, falsidades e ineptias: e ainda que nelle se refirão algumas cousas extraordinarias e attribuidas ao seu falso Profeta, auctor e fundador da sua Religião; com tudo nunca poderão ser classificadas como verdadeiros milagres; e sempre serão reputadas como fingidas pelos seus Sectarios, para acreditarem a sua Religião, acreditando o seu auctor; porque o mesmo Mafoma dizia, que não vinha auctorizado para fazer milagres, por terem sido inuteis para os homens os milagres de Moysés e de JESU CRISTO.

Muito embora lhes affirmem
Serem seus dogmas sagrados,
E por DEOS ao seu Profeta
Todos elles revelados :

Appresentem os milagres ,
 E tambem as profecias ,
 Que só podem comprovar
 A doutrina d'um Messias (43).

(43) Os milagres e as profecias são a linguagem da Divindade ; e como taes , as provas principaes de uma Religião Divina : e por isso só pôde ser reconhecida como Divina aquella Religião, que for fundada em milagres e profecias : e tanto as profecias, como principalmente os milagres, podem ser conhecidos, assim pelos sabios e atilados, como pelos ignorantes e rudes : porque tanto uns, como outos, tem sentidos ; e estes sentidos tanto attestão a existencia de qualquer lei da natureza, como a suspensão d'essa mesma lei, que he o em que consiste o milagre ; tanto attestão os sentidos, que um corpo está inanimado, como attestão, que elle fica animado depois de tres dias. O mesmo se deve dizer das profecias.

Por

Por isso he *nelles* um crime
Não abraçar a virtude,
Nem seguir a sã razão;
Mas cêgo furor, que illude.

Nos *Christãos* uma fé pura
Ha de ao *Summo Bem* leval-os,
E aos cêgos *Musulmanos*
Uma falsa condemnal-os.

He *nelles* feio delicto
A razão não abraçarem,
E ridiculos inventos
Por dogmas acreditarem.

Não he porém nem absurdo,
Nem repugnante á razão,
Crer que *DEOS* he realmente
Entre as especies do pão;

Inda que sem differença
Se'ão as mesmas na côr,
Na fôrma, figura e tacto,
Igualmente no sabor;

*E quando dellas succede
Que ao mesmo tempo mil comento,
Direi, que um só, e que todos
Um só DEOS real consomem :*

*Direi, que do homem vindo
Ao coração fraco unir-se,
Pezaroso o deixa, quando
Obrigado a despedir-se :*

*Direi mais . . . mas aonde, Anelio,
Quer levar-me a sã razão ?
Um DEOS de verdade o disse,
Exigiudo submissão,*

Quando DEOS ao homem falla,
Os seus segredos sondar
Não deve a razão altiva;
Mas em silencio adorar (44).

(44) Quando se tracta de examinar, se DEOS tem, ou não, revelado alguma Doutrina, deve o homem usar da razão, applicando os motivos de credibilidade; achando porém por meio d'elles, que

Acaso não poderá
Um ente immenso e infinito
Incomprehensivel ser
Ao limitado e finito (45) ?

Acaso nestas verdades
Acha a pura e sã razão
Com os principios, que tem,
Alguma contradicção ?

Não por certo, meu Anelio,
Ellas a razão superão;
Mas de maneira nenhuma
Os seus principios alterão (46).

he revelada, deve acreditar-a, ainda que não possa comprehendel-a: deve confessar a sua existencia, ainda que ignore o modo como existe.

(45) A tal ponto tem chegado o orgulho e insolencia dos impios, que querem pôr limites á intelligencia Divina! Como se uma intelligencia infinita não podesse conhecer verdades, que não estejam ao alcance de qualquer intelligencia finita e limitada! Veja-se a nota (35).

(46) Entre os Mystérios da nossa Religião não

Este dom tão precioso (47)
 De um DEOS, que o bem só deseja,
 Teqi por grave fundamento
 As provas da Santa Igreja:

Provas, que por fontes tem
 Infallivel Tradição,
 A Doutrina revelada,
 Uma santa educação:

há um só, que contradiga os principios da recta razão; e debalde os impios tem pretendido mostrar esta contradicção. Para que elles podessem mostrar esta contradicção, era absolutamente necessario, que podessem ter idéas claras, distinctas e adequadas dos sujeitos e predicados dos Mystérios: e como nem elles, nem nós podemos ter semelhantes idéas, e até seria contradictorio, que as tivéssemos, porque já então deixarião de ser Mystérios: logo debalde tem pretendido os impios mostrar contradicção entre os Mystérios e os principios da recta razão: logo devem confessar, que sendo DEOS dotado de intelligencia infinita, pôde conhecer verdades superiores á intelligencia humana; e que sendo Supremo Senhor do homem, pôde manifestar-lhe estas mesmas verdades, e exigir-lhe submissão.

(47) Falla-se do Sacramento da Eucharistia.

E porque no mesmo caso
Não estão os *Musulmanos*,
Elles devem rejeitar
Suas provas como enganos.

Muito embora as creá o *Turco*
Com uma boa intenção;
Ame um *DEOS*, estime o homem
Dentro do seu coração:

E das alhéas desgraças
Sempre esteja a consternar-se,
Os miseráveis socorra,
Sem disto vangloriar-se:

A soberba desconheça,
Tendo a vaidade por mal,
E quando a fortuna o ajude,
Ao pobre julgue-se igual:

Um *DEOS*, que argula o povo,
Que só c'os lábios o honrava,
Por quanto seu coração
Muito longe d'elle estava,

*Condemnar ha de este Turco ;
 Porque , se um DEOS adorava ,
 A Igreja , só verdadeira ,
 Como falsa reputava.*

A's suas provas fechando
 Os olhos culpavelmente ,
 Merece ser condemnado
 Para sempre eternamente (48):

(48) As provas, em que se funda a Religião Christã, são tão palpaveis, tão claras e tão distinctas, que ninguem as pôde ignorar inculpavelmente. Os mesmos Gentios não serão excusaveis, porque ainda que não lhes tenha sido prégada a Religião Christã, e nem por consequencia tenham noticia das suas provas; com tudo tem a Lei Natural, que podem observar, e observando-a, de certo serão instruidos, ou por um modo ordinario, ou extraordinario; e se não tiverem esta instrucção, he por não terem observado a mesma Lei Natural, e por consequencia não serão excusaveis.

Praticando tão sómente
Essas virtudes moraes,
Apenas digno se faz
D'alguns premios temporaes (49):

A fé pura lhe faltava,
Sem a qual nunca podéra
Agradar ao Grande DEOS,
Que a existencia lhe déra:

Um culto interno e externo
Elle seguia diff'rente
D'aquelle, que ensinar veio
Um DEOS Benigno e Clemente.

(49) As virtudes moraes e civis dos Infieis não deixão de merecer alguns premios temporaes: e o mesmo S. Agostinho attribue a grandeza do Imperio Romano ás suas virtudes moraes e civis: não sendo porém animadas por uma fé e caridade sobrenaturaes, não podem ser virtudes Christãas; e não sendo virtudes Christãas, não merecem premios eternos.

*Nasce o homem sem escolha,
Dão-lhe a beber o veneno;
Se abraça o mal por virtude,
Sempre offende o Ceo sereno;*

Porque Toi só vulnerada,
E não extincta a razão;
E com ella póde o homem
Livrar-se da illusão (50).

*Se os livros, se o povo e pais,
Se os Mestres e a educação
Grandes attractivos tem,
Majores tem a razão.*

(50) Ainda que o primeiro homem pelo peccado foi despojado dos dotes sobrenaturaes, e ferido nos naturaes, e com elle toda a sua posteridade; com tudo póde o homem com esta razão assim ferida, e ajudado com o auxilio Divino, que nunca falta, conhecer qual he a verdadeira Religião: e assim muitos o tem feito, abandonando as falsas religiões e abraçando a verdadeira; e contra os argumentos tirados da observação não podem prevalecer quaesquer theorias e especulações.

E se o Ceo ouvir quizer ,
Elle *justo* lhe responde :
Consulta a recta razão ,
Que a *verdade* não esconde ;

Se por *fraqueza* a não vês ,
He porque d'ella abusaste ,
E por este louco abuso
Réo de culpa te tornaste ;

Se no tropel das idéas
Afflicta tua alma gyra ,
He porque attento não ouves
A voz de um DEOS, que te inspira ;

Porém já meigo descanso ,
Bafejando a minha lyra ,
Para o lugar me conduz ,
Onde tudo a paz respira ,

Já sinto a *picante* fome ,
Que em torno de mim adeja ;
Já na parda porcelana
O leite gostoso alveja ,

*Permitte, que eu saborda
Esta innocente bebida,
Onde a sopa aboborada
Mudamente me convida,*

*Os Ceos queirão mil prazeres
Goze tua alma innocente,
E que Anelio não se esqueça
De Fileno muito ausente,*

EPISTOLA TERCEIRA.

*A*gora que o baso escalda
D'um abraçado Suão,
Cujas azas pouco a pouco
A relva crestando vão;

Que as fendas da viva rocha
A clara lymphá gotéão,
E nos alamos crescidos
Os passarinhos gorgéão;

Agora que o Sol picante
A verde espiga enloirece,
E que na cerrada mata
Berrando o Corvo apparece;

Na cava deste rochedo,
De meiga sombra abrigado,
Outra vez a voz levanto,
A' recta razão ligado,

*Tu vds, Anelio, em Britannia
Chamar-se em moza Papista,
Impio ser n' Asia o Christão,
E na Gullia o Calvinista :*

*Julga porém reflectindo
Um espirito profundo,
A monstruosa cegueira
De grande parte do mundo.*

*Então decidir devemos
Entre tantas diviões,
Que a razão da nossa parte
Condemna taes decisões (51).*

*Um tribunal infallivel,
Que só entre nós existe,
Com evidencia nos mostra
Onde a verdade persiste :*

(51) Falla-se do desprezo, que os Britannos fazem dos Catholicos, que vivem unidos á Sé Romana, centro da unidade: e do tractamento, que os Asiaticos dão aos Christãos, tractando-os de impios.

Este não pôde ser outro ,
Que não seja aquella Igreja ,
Tão antiga como o mundo ,
E que verdadeira seja (52):

Nem esta outra ser pôde ,
Senão Uma , e Catholica ,
E Santa por excellencia ,
E tambem Apostolica (53):

Qual he a que professamos ,
Por todo o mundo espalhada ,
Apostolica na origem ,
De virtudes exornada.

(52) Toda a doutrina , que traz com si o character da novidade , traz com si tambem o character da falsidade.

(53) Estas são as quatro notas da verdadeira Igreja ; de maneira , que só pôde ser verdadeira Igreja aquella , onde se reunirem estas quatro notas.

Esta sublime *excellencia* (54),
Não he a Santa *Escriptura*,
Por tantas provas Divina (55),
Quem sómente lh'*assegura*;

Mas tambem dos Livros Santos
A authentica verdade
He quem primeiro nos mostra
Sua infallibilidade.

E assim podemos *julgar*
Ser infallivel a Igreja,
Sem que da Biblia mostrada,
A Divindade nos seja (56).

(54) Falla-se do dom da infallibilidade.

(55) Além da decisão da Igreja, com que se prova principalmente a Divindade da *Escriptura*; esta Divindade tambem se prova, ao menos em parte, pelos testemunhos, que se encontram na mesma *Escriptura*; pela santidade, pureza, excellencia e sublimidade da sua Doutrina; e pelos milagres e profecias.

(56) Pela veracidade e authenticidade dos Livros Sagrados provamos a verdade dos milagres e pro-

Respeitemos, caro Anelio,
 A Santa Igreja infallivel,
 Que se desvela extremosa
 Em fazer o bem possivel.

fecias; pela verdade dos milagres e profecias provamos a Divina Missão de CHRISTO; por esta Divina Missão provamos a verdade da sua Doutrina; pela verdade da sua Doutrina provamos a infallibilidade da Igreja; e pela infallibilidade da Igreja provamos a Divindade das Escripturas: e depois de termos assim provado a infallibilidade da Igreja pela veracidade e authenticidade dos Livros Sagrados, e a Divindade da Escriptura pela infallibilidade da Igreja, corroboramos aquella prova da infallibilidade da Igreja com a Divindade das Escripturas: logo falsamente os Protestantes, e o Auctor da *Voz da Razão* nos arguem de cairmos em circulo vicioso, provando a infallibilidade da Igreja pela Divindade da Escriptura, e esta por aquella. E se nós quizermos saber qual he esta Igreja infallivel, devemos recorrer ás quatro notas já mencionadas a pag. 61. not. (53); as quaes mostram qual he a Igreja verdadeira, que deve ser infallivel.

*Ella nos guiou na escolha
De tantas copias differentes,
Que não concordão nas Eras,
E menos nos accidentes (57):*

*Por ella reconhecemos
De tal copia a preferencia,
E entre as muitas differentes
Só lhe damos excellencia,*

*Todas fallão d'um Messias,
Que dictou um Livro Santo,
Que fez immensos milagres,
Que o mundo enclérão d'espanto:*

(57) A' excepção de um pequeno numero de Versões e Edições fabricadas pelos impios e herejes, cheias de erros e absurdos, e que forão logo condemnadas e rejeitadas, apenas apparecêrão: as differentes Versões e Edições, que existião, e ainda hoje existem, não differem senão muito accidentalmente: e nem podia deixar de ser assim, sendo tão grande a vigilancia e desvelo da Igreja em conservar incorrupto o deposito dos Livros Sagrados.

Mas

Mas abraçar só devemos
A que foi reconhecida
Pela infallível Igreja,
Para ser por nós seguida.

*Há pelo mundo mil ritos
Pelas Seitas erigidos;
Todos tem seus escriptores,
Que abonão os seus partidos;*

Mas acaso ter devemos
Escolhas indifferentes,
Quando uma Igreja infallível
Tem ritos tão excellentes?

Obedecer não devemos,
Desta Igreja, á decisão,
Por um DEOS auctorizada?
Assim dicta a sã razão.

Por isso quem escolher
As Leis, que o berço lhe deo,
Castigos graves terá,
Se Moiro for, ou Judeo:

Mas se acaso *solizmente*
 Nasceo e viveo *Christão*,
 Ter ha de tranquillidade,
 E, por fim a salvação: (68).

Haver logo deve escolha
 Da Igreja, que professamos,
 P'ra vérmos, se verdadeira
 He aquella, que abraçamos:

(58) Se existe alguma Religião verdadeira, e só ella verdadeira, todo o homem tem obrigação de segui-la, e só pôde ser feliz aquelle, que a seguir: por quanto, todo o homem tem obrigação de seguir alguma Religião, e os mesmos impios não se atrevem a negal-o; e assim como tem obrigação de seguir alguma Religião, assim também tem obrigação de seguir aquella, que for verdadeira, e só ella verdadeira; nem haverá insensato algum, que admitta no homem obrigação para alguma coisa falsa; e só do desempenho desta obrigação he que poderá resultar a sua felicidade: sendo pois a Religião Christã verdadeira, e só ella verdadeira, como fica demonstrado nas notas (7), (36), (42), (53); segue-se evidentemente, que todo o homem tem obrigação de segui-la, e que só pôde ser feliz aquelle, que a seguir.

E se não for a Christãa,
Os seus erros detestemos;
Se porém for, reverentes
Os seus dogmas adoremos.

Por isso os bens se confiscão,
Quando seus dogmas negamos,
E erros, que lhes são oppostos,
Com afincio sustentamos:

Por isso um Juiz nos prende,
E já com os argumentos
Convencer-nos emprehende,
E já também com tormentos (59):

Por isso apparecem Sabios
Os Sofismas refutando,
E revestida de luz
A verdade appresentando;

(59) - Os tormentos da Inquisição, a que allude o Auctor da *Voz da Razão* no lugar correspondente, nem são tantos, como diz, nem feitos por auctoridade da Igreja, que não tem outro poder, que lhe

Para que a fallaz *mentira* não se H
Contra a verdade singela não corra subs
 Não possa *laços armar*, e, só d'ella se
Offuscal-a e convencel-a : assim se

Porque inda que desta Igreja
 Não possa a fé *perecer*,
 Todavia em parte d'ella
 Destruida pôde ser (60) :

seja proprio, que não seja todo espiritual ; mas sia
 por auctoridade dos Imperantes Civis, que tambem
 são Protectores natos da Igreja, para defendel-a
 contra os seus inimigos : e estes mesmos tormentos
 só erão empregados, quando os argumentos erão
 inuteis.

(60) O dom da infallibilidade foi promettido á
 Igreja universal, e não a uma, ou outra Igreja par-
 ticular ; e para que uma, ou outra Igreja não acabe,
 he que se persegue o erro : e nesta perseguição a
 Igreja não emprega outras armas, que não sejam
 espirituaes : e se algumas vezes emprega outras, he
 auctorizada pelos Imperantes como Protectores della.

Sem que por isso a verdadey
 Da virtude grande *amiga*,
 Menos valentia tenha,
 Do qu'a *mentira inimiga*.

E se acaso a vil *mentira*
 Triunfa da sãa verdadey,
 As forças vai procurar
 Em nossa perversidade:

Por isso o Ceo castigar
 Ha de todos os *humanos*,
 Que ouvidos derão attentos
 A seus torpes, vis *enganos*:

Por isso condemnar ha de
 Os tristes *filhos d'Adão*,
 Que seguirem a *mentira*,
 E deixarem a *razão* (61).

(61) Se algumas vezes a *mentira* e a *paixão*
 prevalece contra a *razão*, o mesmo homem he o
 culpado, por não resistir-lhe ao principio.

Deste Pai tão criminoso
 Sendo todos descendentes,
 Também seus crimes dévião
 Ser a todos transcendentos (62);

E porque de nenhum outro
 A origem temos primeira,
 Para que da sua sorte
 Fosse a nossa companheira;

Por isso he que não nos salva
 A virtude de um Francisco,
 E o peccado d'esse Adão
 Poem nossa alma em grande risco (63):

(62) Veja-se a nota (20) a pag. 14.

(63) Para que a virtude de algum Santo nos fizesse Santos, assim como o peccado de Adão fez-nos peccadores; era necessario, que houvesse algum Santo, que fosse pai de todo o genero humano, assim como o foi Adão; e como não há Santo algum, que seja pai de todo o genero humano, assim como o foi Adão; he claro e evidente, que da transfusão do peccado de Adão não se pôde tirar argumento

Por isso he que não podemos
Colher a graça perdida,
Sem que tambem nos ajude
A Divindade offendida :

Porque sendo esta *infinita,*
A culpa se torna immensa,
E precisando por isso
Infinita recompensa (64).

Um DEOS porém veio ao mundo
Para o homem resgatar,
E jámais acontecesse
Ligado á culpa ficar :

para a transfusão da virtude e santidade de algum Santo : tem sim lugar este argumento para JESU CHRISTO, que he o pai espirital de todo o genero humano ; de maneira , que ninguem se tem salvado , nem ha de salvar-se , senão pelos seus merecimentos.

(64) Veja-se a nota (4) a pag. 10.

Com seu precioso sangue
 A terra veio regar,
 P'ra que de nós não pudesse
 Mais a culpa triunfar :

Veio um Calis amargoso
 No Horto ao Pai ofertar,
 Chorar pelos peccadores,
 N'um duro lenho expirar.

Não cessa inda mesmo agora
 De grandes auxilios dar,
 Para qu'o mesm' homem possa
 Seu sangue a si applicar.

Acaso um DEOS de bondade
 Podia vir resgatar-nos,
 E retirando-se logo,
 A' desgraça abandonar-nos (65) ?

(65) Tendo DEOS feito tantos sacrificios por
 causa do homem, não podia abandonal-o depois a
 si mesmo; e se o fizesse, já não era um Ente Im-
 mutavel por Natureza. (12)

*Que seria a Providencia,
 Que sonda do tempo os gyros,
 Se um DEOS co'a mira no alvo
 Suspende podesse os tiros (66)?*

(66) Basta lançar-se uma ligeira vista sobre a natureza, para descobrir-se uma Providencia, sempre vigilante e sempre attenta ás necessidades do homem: que outra cousa mostram o movimento uniforme dos Astros, a constante alternativa das Estações, a fecundidade dos animaes, a produção dos vegetaes, a não interrompida conservação das differentes especies, senão esta mesma Providencia? Esta Providencia porém não existiria, se depois de ter DEOS feito tantos sacrificios para salvar o homem, abandonasse este mesmo homem a si mesmo, e não lhe dêsse incessantemente auxilios, com que possa applicar-se os merecimenos dos seus sacrificios. Qual he o homem sensato, que desejando sinceramente conseguir um fim, e podendo applicar-lhe os meios, deixará de o fazer? Nenhum certamente. E então DEOS, que sendo Omnipotente, deseja e quer sinceramente a salvação de todos os homens, deixará de dar incessantemente ao homem auxilios sufficientes, com os quaes possa salvar-se, querendo d'elles fazer bom uso; sem que os mesmos Genticos sejam d'elles excluidos? A impiedade deve necessariamente admittir este e outros absurdos, para que o seu systema tenha algum lugar.

Razão, ou tu não me enganas,
 Ou não existe algum Ente
 Infinitamente Bom,
 Sabio, Justo e Providente.

*O' Ceos, ó Ceos, que oscillaes
 As cordas da minha lyra,
 Sustentai esta razão,
 Que no meio da luz gyra.*

*Não peço novos milagres,
 Para virem illustrar-me,
 Basta-me a recta razão
 Para a verdade mostrar-me (67).*

(67) Os milagres já feitos por JESU CHRISTO e pelos Apostolos, e em que se funda a Religião Christã, são mais que sufficientes, para que discorrendo qualquer sobre elles com uma razão recta, e despida de prejuizos, possa conhecer e convencer-se, que a mesma Religião Christã he a unica verdadeira e Divina entre as que tem havido e hã pelo mundo, como a Mahometana e as differentes Religiões dos Gentios, que erão tantas e tão differentes quantas erão as Cidades, por isso mesmo que

Nem a minha fé esfria
 No seio das mornas veias,
 Nem se perde a sã razão
 No tropel de mil ideias;

nas diferentes Cidades adoravão-se Divindades diferentes; e por tanto basta este só e unico syllogismo para descobrir e achar a verdadeira Religião: he Divina, e só Divina aquella Religião, que he fundada em verdadeiros milagres e profecias; porque tanto aquelles, como estas, só podem ter a DEOS por auctor, que não se pôde enganar, nem enganar-nos: porém a Religião Christã, e só a Religião Christã he fundada em verdadeiros milagres e profecias: logo a Religião Christã, e só a Religião Christã he verdadeira e Divina. Examinem-se os chamados milagres e profecias do Mahometismo; e que apparecerá neste exame? Um tecido informe e monstruoso de ficções e imposturas as mais grosseiras e improvaveis, como fica demonstrado na nota (42) a pag. 47. Leve-se este mesmo exame até os chamados milagres e profecias do Gentilismo; e nenhuma outra cousa apparecerá, que não sejam destrezas, ardis, estratagemas e enganos, tramados ou pela vil adulação, ou pelo sordido interesse, pelo que diz respeito aos milagres; e pelo que diz respeito ás profecias, algumas proposições obscuras, duvi-

*Eu vos tomo em testemunha,
Que quanto tenho allegado,
Nem he para offensa vossa,
Nem p'ra ser admirado :*

Mas sim p'ra que todo o mundo
Conheça quanto detesto,
Da falsa e cega razão,
O cavilloso protesto (68).

das, ambigvas e applicaveis tanto a uns acontecimentos, como a outros, que lhes sejam oppositos. Pelo contrario, as profecias e milagres da Religião Christãa são abonados pela mais verídica e autentica d'entre todas as Historias, como fica demonstrado na nota (36) a pag. 42.

(68) Faz-se allusão ao protesto manhoso, que faz o Auctor da *Voz da Razão* no lugar correspondente, e antes que se tivesse convertido; e dá-se-lhe o epitheto de manhoso e cavilloso, porque ninguem se poderá persuadir, que sendo, como era, um homem tão sabio e instruido, estivesse intimamente convencido de erros e absurdos tão grosseiros e monstruosos, quaes são os que se achão na *Voz da Razão*.

He esta a fé, que professo,
 Entre todas a melhor,
 A unica verdadeira,
 Dada pelo Redemptor.

Praza ao Ceo, meu caro Anelio,
 Que voando de mão em mão
 Estas sublimes verdades,
 Dissipem essa illusão;

E que fação nesses impios
 Aquella mesma impressão,
 Que fizerão, como dizem,
 No Auctor da Voz da Razão (69).

(69) He tão grande e tão imperiosa a força da verdade, que ainda que os mesmos impios por algum tempo lhe fação resistencia, por fim cedem á sua força e imperio: tal foi o Auctor da *Voz da Razão*; se por algum tempo atacou as verdades da Religião, por fim foi seu apologista, já por palavras, e já por escripto; se por algum tempo seguiu a vereda escabrosa do erro, por fim entrou no caminho plano e seguido da verdade; se por algum tempo foi impio, por fim arrependeo-se e detestou suas impiedades, como attestão pessoas de integre

credito. Tal he a força e imperio das verdades da Religião sobre os genios mais raros, sobre os talentos mais singulares, e sobre os homens mais extraordinarios, qual foi o Auctor da *Voz da Razão*! A' maneira do raio, que quanta maior resistencia encontra, tanto mais penetra e rompe; assim a Religião Christãa, tanto maior e mais brilhante he o seu triumpho, quanta maior he a resistencia, que se lhe faz, e maiores os obstaculos, que se lhe oppoem. Ella triunfa, apenas nasce, a despeito das perseguições dos tyrannos, da avareza dos Sacerdotes dos Ídolos, da vigilancia dos Magistrados, do empenho dos Imperadores, dos prejuizos da educação e da auctoridade, dos sofismas dos Filósofos, de toda a pompa da sabedoria humana. E saibão os Editores da *Voz da Razão*, que não podião fazer maior injuria, nem maior ensovalho ás cinzas do seu Auctor, do que fizeram; publicando-a e vulgarizando-a pelo prélo; e que só poderão ser desculpados pela ignorancia, em que miseravelmente jazião, do seu arrependimento, e conversão: saibão pois, se he que ainda o ignorão, que o Auctor da *Voz da Razão* abraçou e convenceo-se daquellas mesmas verdades, que tanto tinha impugnado; e que sendo tão grande e tão extraordinario pelos seus talentos e saber, muito maior e muito mais extraordinario foi pelo seu arrependimento e conversão.

ADVERTENCIA.

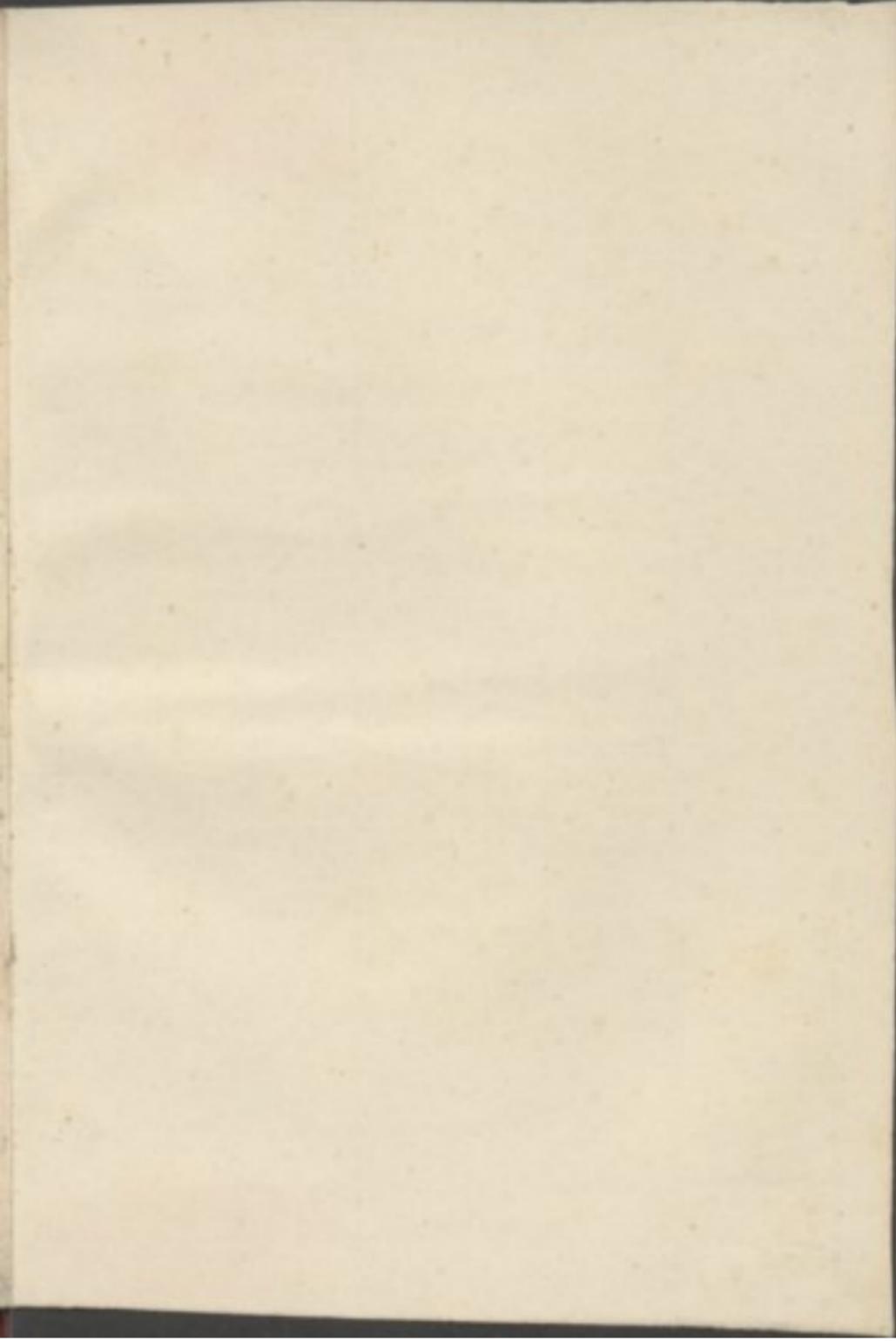
*A*lgumas das notas, que se achão neste folheto, erão bem dispensaveis, se elle houvesse de ser lido tão sómente por pessoas doudas e entendidas: como porém pôde acontecer, e praza ao Ceo aconteça, que seja tambem lido por pessoas pouco doudas e entendidas; era necessario ajudar a pouca instrucção e intelligencia de taes pessoas com notas muito claras, explicativas, e, não sei se diga, superfluas.

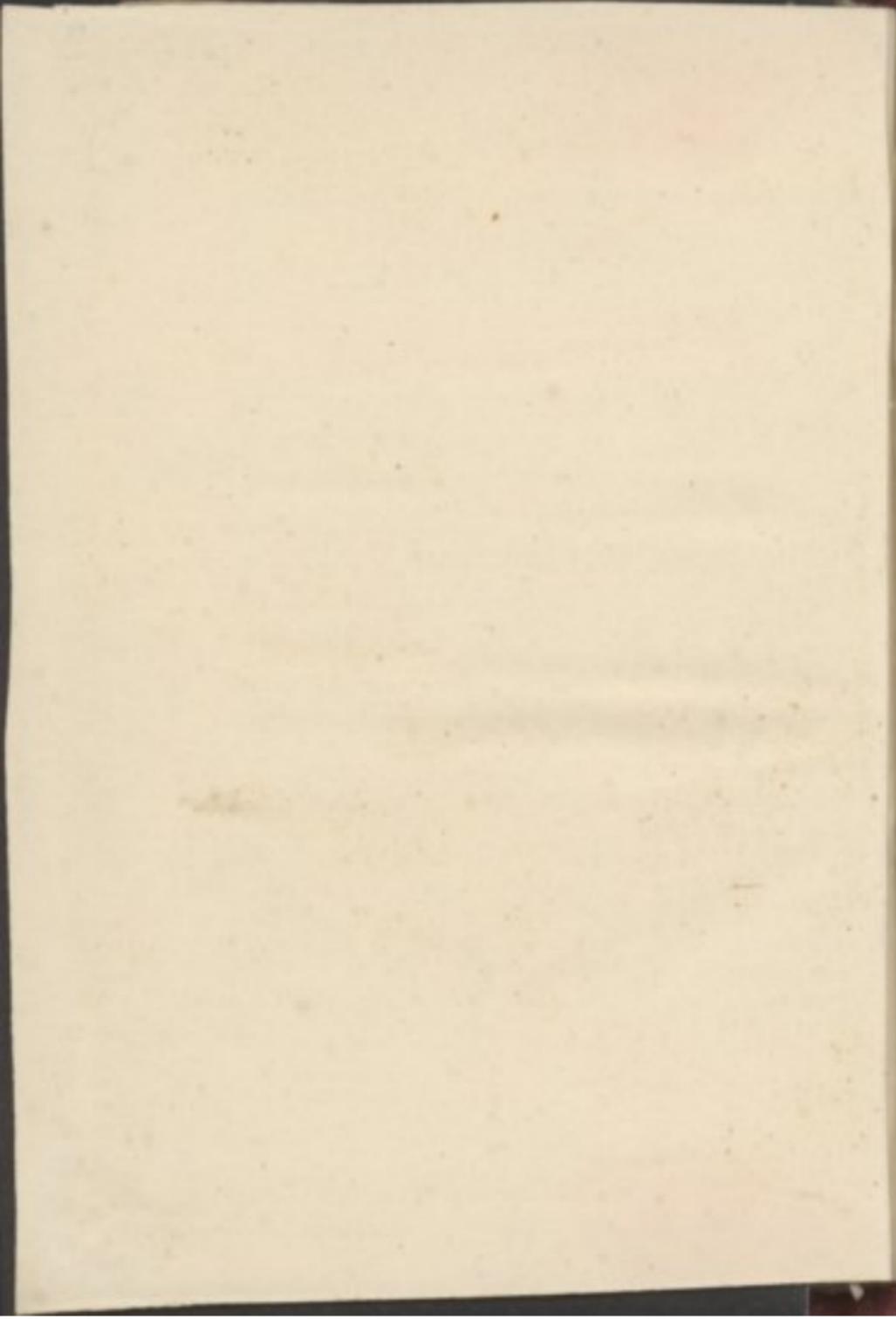
F I M.



ADVERTENCIA.

Las ideas de esta obra, que se publica
 en esta forma, es de pura propiedad,
 de el autor, y no de los editores,
 por lo que se reserva el derecho de
 publicar en otra forma, y con otro
 título, y en otra época, lo que el
 autor guste, sin que se entienda
 que esta obra es de dominio público.
 Madrid a 15 de Mayo de 1845.
 D. F. de M.







60984 81800

